

CLIMA

Há um ano atrás, quando estive na Europa, contei o drama do brasileiro incauto que sai do Rio e vai diretamente para a Itália. Se ele vai, como era o meu caso, em missão jornalística, o Banco do Brasil lhe concede, com muitas reservas, pistoiões e pão-durismo, um magro suprimento em dólares ao câmbio oficial. Magro — pensa ele — mas dólar ao câmbio oficial já é alguma coisa. E para conseguir isso gasta paciência e tempo, sobe elevador, desce elevador, espera, leva o papel, traz o papel, sela, carimba, assina, paga.

Quando chega na Itália é que o infeliz vê o lôgro em que caiu. Em primeiro lugar o dólar não é dólar — é negócio metafísico, um tipo de dinheiro que não existe nem em cédula nem em metal e que se chama "dólar italiano". O qual é pago em liras. Esse "é pago" exprime um fato que pôde não acontecer ou pôde acontecer em longas, ridículas e dolorosas prestações. Assim acaba de suceder com dois amigos meus em Roma. O banco italiano disse que sim, que tinha ordem do Banco do Brasil para pagar 500 mil liras. Mas acontece que o Brasil está em atraso com a Itália. De maneira que o melhor era o paciente voltar dali a um mês; "mágará" êle pudesse receber umas 100 mil liras por conta...

Ora, o Banco do Brasil sabe disso. Sabe porque centenas, milhares de brasileiros já caíram nessa armadilha — e eu mesmo a descrevi aqui, para o estimável sr. Cadaval, com tôdas as minúcias. O Banco do Brasil sabe que a ordem de pagamento que êle emite contra o Banco da Itália vale pouco menos que nada. Por que a emite? Por que faz essa farsa de conceder dólares que não são dólares e que mesmo sendo liras não são pagos? Por que deixar o viajante brasileiro sem tostão em país estrangeiro, só pelo fato de haver o ingênuo pensado que o "Banco do Brasil" é alguma coisa de respeitável, que uma ordem desse banco é uma ordem mesmo e não uma espécie de promissória que outro banco estrangeiro pode ou não descontar, ou descontar só em parte?

O diretor da mais importante companhia de navegação aérea brasileira me disse outro dia que lhe está sendo negado sistematicamente o câmbio de que necessita para comprar peças essenciais à segurança dos aparelhos de sua companhia. "Para não pôr em risco a vida de meus passageiros terei de ir encostando os aviões que ficarem sem peças novas".

Tudo isso exprimiria apenas um momento de tremendas dificuldades do país, e nós todos teríamos de nos curvar a isso se não fôsse a certeza de que há pessoas felizes que conseguem, para viagens de recreio luxuosas, vultosas somas ao câmbio oficial. Terá algum responsável do Banco do Brasil a gentileza de negar êsse fato? Não seria possível reeditar agora tôda aquela lenga-lenga moralista e ao mesmo tempo puxa-saquista que está na introdução do relatório da famosa comissão de inquérito do Banco do Brasil?

Nega-se câmbio para coisas essenciais; concede-se tudo a quem tem a seu favor uma palavra do Catete. Tudo isso, com certeza faz parte do "clima de confiança" que se procura criar. Deve ser um clima com ar condicionado e isolamento perfeito contra o calor e o ruído das ruas — longe dos ventos que por êlas sopram, os maus ventos das ruas, soltos e selvagens, escandalosos e bravos.

19/11/52 R. B.